

Breve perspectiva sobre Antônio Vieira à luz da sua mundividência

Maria Celeste Lopes Natário – Universidade do Porto – Portugal

Doutora em Filosofia – Universidade do Porto - Portugal

Fone: + 351 2260-7100

E-mail: mcnatario@gmail.com

Data de recepção: 08/09/2010

Data de aprovação: 23/04/2011

Resumo: A cultura portuguesa do séc. XVII tem em Vieira o grande exemplo de um homem que, tendo sido religioso, jesuíta, missionário, pregador, político, diplomata e exegeta bíblico, é por muitos considerado como o representante maior do “universalismo português”, não obstante a célebre caracterização de Fernando Pessoa, na sua *Mensagem*, de “imperador da língua portuguesa”. O seu universalismo está bem patente neste seu conhecido dito: “Para nascer, Portugal. Para morrer, todo o mundo.”.

Palavras-chave: António Vieira – Munvidência – Utopia

Introdução

Veremos neste texto que a cultura portuguesa do século XVII tem em Vieira (1608-1697) o grande exemplo de um homem que, tendo sido religioso, jesuíta, missionário, pregador, político, diplomata e exegeta bíblico, é por muitos considerado como o representante maior do “universalismo português”, não obstante a célebre caracterização de Fernando Pessoa, na sua *Mensagem*, de “imperador da língua portuguesa”. O seu universalismo está bem patente neste seu conhecido dito: “Para nascer, Portugal. Para morrer, todo o mundo”.

Uma visão, mesmo que breve, do pensamento e vida do Padre António Vieira, por inteiro consagrada “ao serviço da Pátria, ao serviço de Deus e do homem”, pressupõe, antes de tudo, que se efetue um curto percurso pelo século XVII, pois é a partir dessa mundividência que tudo o que Vieira fez e pensou pode ser compreendido.

1. O mundo de Vieira

O século XVII foi um século de grandes contradições, de incertezas e profundas dúvidas, um século que reflete um mundo de sombra e de luz, em revolução social, política e científica – refiram-se, sobretudo, aos extraordinários progressos que tiveram como base Galileu Galilei (1564-1642), Isaac Newton (1642-1727) e René Descartes (1596-1650) –, assim antecipando “um mundo novo”, em que uma nova ordem procura instaurar-se e em que a ordem anterior procura resistir – tal como acontece, fatalmente, em todos os períodos revolucionários.

Se, no campo das artes e das letras, há de salientar o florescimento do barroco, sobretudo na Itália, na Espanha e em Portugal, Padre António Vieira virá a ser reconhecido como um dos maiores intérpretes. No campo da política assiste-se à ampliação do poder dos reis, chegando ao extremo do “absolutismo”, ao mesmo tempo em que as teorias de Francisco Suarez (1548-1617), um jesuíta tal como António Vieira, e de John Locke (1632-1704) nos propõem uma concepção diferente, valorizando o papel do povo em detrimento da tese da proveniência direta do poder de Deus.

Na literatura sobressaem ideias de vida fugaz como o sonho de perda, de morte e de amor, e de predestinação. No grande palco do mundo e no teatro da vida surgem novas encenações, novas comédias e novas estéticas em que há lugar para todos, por exemplo, para místicos e libertinos, reis “absolutos” e menos absolutos ou mais excêntricos.

No campo da política importa referir-se que em Portugal, o século XVII, sob o domínio filipino, inicia-se com a reconquista da independência até a posse do poder por Dom João IV.

2. Antônio Vieira e sua mundividência

Essa situação de toda a cultura seiscentista influencia decisivamente o pensamento e a obra de Vieira que, desde jovem, deixa transparecer invulgares dotes políticos, no nível do discurso engenhoso e hábil que soube usar de forma pública.

A sua excepcional cultura e o seu conhecimento de várias línguas permitiriam a esse missionário infatigável o exercício de um magistério que, a seu modo, desenvolveu importante forma de poder: o da palavra.

Efetivamente, os seus *Sermões* evidenciaram os seus propósitos de homem ao serviço de Deus e, simultaneamente, a qualidade de inequívoca natureza política. As lutas a que se propôs com vista à “libertação do mal” implicavam profundas mudanças de mentalidade. Vendo na liberdade o valor maior, foi por ela que se bateu, mesmo antecipando os “castigos” que, por isso, iria sofrer.

Defendendo os índios, os escravos, os judeus e os cristãos-novos, verberando injustiças e preconizando a mudança, Vieira ousou opor-se à repressão com o saber e o sentir dos mais elevados valores do humano.

No contexto adverso do seu tempo, viveu as “mudanças” e as “novidades” desejadas por muitos, mas perigosas para aqueles que por elas se batiam. Essa adversidade moldou o seu carácter.

Eis o que aconteceu com a sua ação política e com o seu pensamento mais especulativo – foram vistos como subversivos e, por isso, combatidos.

Vieira, contudo, nunca desistiu, movido pelo amor a Deus e ao próximo. O seu pensamento e a sua ação fazem dele um precursor ousado e excelente dos tempos novos. Por isso foi visto como “herético”.

Vieira apontou para um “novo mundo”, com horizontes marcados pela horizontalidade na visão do poder em oposição à *verticalidade* do poder. Pode-se dizer que os horizontes do futuro seriam mais humanos e mais justos via da assunção redentora do mundo por Cristo.

O ideal de pregador e de missionário do jesuíta era São Paulo e Santo Inácio de Loyola (1491-1556), fontes de grande inspiração para fazer da vida um exercício de salvação do próximo. Tudo isso aconteceria mediante a unificação e comunhão eclesial, princípio sempre acreditado por ele como um dos eixos da sua ação em

conformidade com o tema profético invocado no seu “Sermão do Espírito Santo”¹, de “um só rebanho, um só pastor”.

Considerações finais

Nos labirintos do seiscentismo, temos uma das dimensões de maior relevância – a escatologia – em que a espiritualidade assume particular proeminência. Vieira destaca-se singularmente nessa reflexão na busca da Verdade do espírito e do pensamento, percorrendo caminhos longínquos, sobretudo na ideia de Quinto Império, a problemática que mais o preocupou, como é visível na sua obra *História do Futuro*², obra incompleta.

Do *Genesis* ao *Apocalipse*, entre a Queda e a Redenção, procura Vieira “o sentido total e unitário da história dos homens e do mundo”. O tema do “Quinto Império” aparece como corolário desse “sentido total e unitário da história dos homens e do mundo”, fruto da justiça divina e da graça redentora, pela deificação de todo o existente, pela “plenificação da História”, na interpretação de Paulo Borges³.

Seria essa a grande heresia que o levou ao *Tribunal do Santo Ofício*, perante o qual, na sua defesa, expôs o essencial do seu pensamento religioso⁴. Partindo do princípio de que “Deus é tudo em todas as coisas”, Vieira encontra aí um sentido de unidade, santidade e perfeição comum ao mais terreal e ao mais universal. O seu pensamento religioso inspira-se na visão profética em que a fé e a esperança se apresentam como as duas maiores marcas, em que a razão e a experiência ocupam seu lugar. Portanto, inspirado em Santo Inácio de Loyola, Vieira procurou unir contemplação e ação. Ativo na contemplação e contemplativo na ação⁵, Vieira empreendeu uma caminhada difícil incomparável.

Vieira não se sucumbe diante das adversidades e não renega a sua Fé; antes, prossegue a sua caminhada, aprofundando a sua singular visão profética.

Temperando o aristotelismo e o naturalismo que a escola lhe ensinara com a sua sempre maior experiência do mundo, podemos dizer que a escolástica tardia aprendida em Salvador – Bahia – Brasil, nas Escolas da Companhia de Jesus, foi a

¹ *Sermones*, 3, p. 392-414.

² De 1718 (1 ed.). A esse respeito, ver ainda a obra, mais recentemente publicada, *Chave dos Profetas* (fixação do texto, trad., notas e glossário de Arnaldo do Espírito Santo. Lisboa: BN, 2001, livro III), na qual António Vieira transcende a contração “lusitanista” da sua prefiguração do “Quinto Império”.

³ Título da sua dissertação de Mestrado e publicada: *A Plenificação da História em Padre António Vieira* – estudo sobre a ideia de Quinto Império na “Defesa Perante o Tribunal do Santo Ofício”. Lisboa: IN-CM, 1995.

⁴ Cf. *Defesa Perante o Tribunal do Santo Ofício*. Introdução de Hernâni Cidade. Baía: Progresso, 1957, 2 vols.

⁵ Cf. “Prefácio” de José Carlos B. Aleixo, S.J., in: *História do Futuro*. Brasília: Fundação Universidade de Brasília, 2005, p. 30.

base da sua formação, educação enriquecida na Escola da Vida. De fato, Vieira não alicerçou as suas concepções teológicas e exegéticas apenas nos textos canônicos, demonstrando sua simpatia pela liberdade.

Quanto à sua visão escatológica, não obstante o seu messianismo, corrente na época, Vieira assume um messianismo pragmático, um “pragmatismo” imediato, na tradição do sebastianismo que a interpreta na ideia do regresso de um Rei, D. João IV. Com seu retorno haveria uma vida de bonança e paz consubstanciada no Quinto Império que, de acordo com a sua profecia, ainda não existia, mas viria a ser.

Na sua visão de missionário do futuro, que o levaria a escrever que “o tempo do meyo dia de Christo e do mundo é este tempo futuro em que fallamos”⁶, imbuído de uma visão ecumênica de paz e de justiça, Vieira encontrou na figura de Cristo o elo de união entre os diferentes tempos: passado, presente e futuro. Daí a sua visão de Portugal, enquanto mediador na construção desse caminho de paz e de harmonia em que acreditou, numa visão antecipadora, para muitos utópica, visão do nosso mais alto destino, do nosso destino mais universal, visão que, por isso mesmo, merece lugar de destaque na nossa tradição cultural e filosófica, tanto mais porque, prova da sua fecundidade, ela foi depois retomada por outros – nomeadamente, por Fernando Pessoa (1888-1935) e Agostinho da Silva (1906-1994).

Referências

- VIEIRA, António. *Sermões*, 3, - *Sermões*. Prefaciados e revistos por Gonçalo Alves, 15 vols., Porto: Lello, 1957. p. 392-414.
- VIEIRA, António. *Chave dos Profetas*. Lisboa: BN, 2001 (Primeira Edição, 1718). Livro III, 340p.
- VIEIRA, António. *Defesa Perante o Tribunal do Santo Ofício*, 2 vols. Introdução e notas do Prof. Hernâni Cidade, Baía: Progresso, 1957.
- VIEIRA, António. *Livro Antepreimeiro da História do Futuro*. Edição crítica de José van den Besselaar. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1983.
- VIEIRA, António. *Chave dos Profetas* (edição bilingue). Fixação do texto, tradução, notas e glossário de Arnaldo do Espírito Santo. Lisboa: BN, 2000, livro III. 790 p.
- VIEIRA, António. *Apologia das coisas profetizadas*. Organização e fixação do texto de Adma Fadul Muhana. Lisboa: Cotovia, 1994, XXXI+315 p.
- VIEIRA, António. *Cartas*. Coordenação e anotação de J. Lúcio de Azevedo. Lisboa: IN-CM, 1997, 3 vols., XVI+584/ XVI+692/ XVIII+832 p.
- VIEIRA, António. *Chave dos Profetas*. Fixação do texto, tradução, notas e glossário de Arnaldo do Espírito Santo. Lisboa: BN, 2001, livro III. 240 p.
- VIEIRA, António. *História do Futuro*. Introdução, actualização do texto e notas de Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: IN-CM, 1992 (2ª), 384 p.
- VIEIRA, António. *Obras Escolhidas*. Prefácios e notas de António Sérgio e Hernâni Cidade, 12 vols., Sá da Costa.

⁶ Cf. *Defesa Perante o Tribunal do Santo Ofício*, edição citada, vol. I, p. 328.

A Brief perspective about Antônio Vieira in the light of his world experience

Abstract: 17th century Portuguese culture considers Vieira to be the great example of a man that, having been a religious man, jesuit, missionary, preacher, politician, diplomat, and biblical exegete, is considered by many to be the greatest representant of the Portuguese universalism, despite Fernando Pessoa's famous characterization of him in his Message as "emperor of the Portuguese language". His universalism is very evident in his words: "To be born, Portugal. To die, the whole world."

Keywords: Antônio Vieira – Word Experience – Utopia